

---

## Massa e Poder. Elias Canetti

João Tiago Proença

---



### Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/cp/905>

DOI: 10.4000/cp.905

ISSN: 2183-2269

### Editora

Escola Superior de Comunicação Social

### Referência eletrónica

João Tiago Proença, « Massa e Poder. Elias Canetti », *Comunicação Pública* [Online], Vol.10 nº17 | 2015, posto online no dia 30 junho 2015, consultado o 22 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/cp/905> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/cp.905>

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 22 setembro 2020.



Comunicação Pública Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

---

# Massa e Poder. Elias Canetti

João Tiago Proença

---

## REFERÊNCIA

Massa e Poder, Elias Canetti, trad. Paulo Osório de Castro & Jorge Telles de Menezes, Lisboa, Cavalo de Ferro, 2014, (605 páginas), ISBN 978-989-623-158-3

1 I

A recepção portuguesa de Canetti (1905-1994), a exemplo de outras culturas europeias, fez-se pela literatura, com a publicação d'*Auto da Fé*, *A Língua Posta a Salvo* e *As vozes de Marraquexe: notas de uma viagem*<sup>1</sup>. Afinal, Canetti escrevia e publicava literatura. Em 1960, porém, dá a lume a obra teórica que seria responsável por acrescentar o seu nome à constelação dos *Kulturkritiker* do século XX: *Massa e Poder*.

2 Um escritor, um escritor moderno, mete ombros à tarefa de analisar o que se passou no seu século não por via da literatura, nem da sociologia, nem da filosofia, mas da antropologia. O recurso às *coisas escondidas desde a fundação do mundo*, que os mitos narram, não se faz guiar por um interesse de antiquário, cuja finalidade seria contar as coisas como elas realmente se passaram. Pelo contrário, tem por objectivo arcaizar a barbárie técnica e modernizar o primitivo natural, pois, se as descrições e as relações dos primitivos, que Canetti invoca e interpreta, podem dar a impressão de uma busca do autêntico e do primordial, as origens do livro mergulham em experiências que são modernas.

3 O espectro das massas pairava sobre a Europa desde a urbanização provocada pela Revolução Industrial, e, entre os fenómenos produzidos pela concentração populacional, o pão e o circo não são os de menor importância. Tal como Roma tivera um Coliseu, também as metrópoles haveriam de conhecer os seus. Daí que Canetti refira o *estádio* e os jogos de futebol como experiências determinantes para *Massa e Poder*<sup>2</sup>. Para além da ritualização desportiva do conflito, os estádios revelaram *paulatim* o gosto pela multidão moderna, cuja irrupção política se haveria de chamar nacional-

socialismo. E é por isso, mas não só por isso, que, em toada de *understatement*, Canetti adverte que «fica mal a um europeu do século XX dar a impressão de se julgar superior à bárbarie» (p. 499).

- 4 Se o factor desencadeante é moderno, a busca leva-o a procurar as invariantes constitutivas da massa, servindo-se de uma escrita que une o aspecto científico, com as suas classificações e subdivisões, como se se tratasse de redigir um compêndio do fenómeno, ao carácter literário, novelesco, que deixa entrever o gosto por escrever bem.
- 5 Ora, não se trata de uma coisa nem de outra. Na melhor tradição de língua alemã, autores há que aparentam dissolver com brilhantismo os géneros. E, se bem que se trate de um género, não invalida nenhum dos outros. Ao invés, a sua condição de possibilidade está precisamente na existência dos outros géneros. É claro que a suficiência literária aliada à estrutura e ao conteúdo científico provoca com muita facilidade um efeito de ofuscação, seja dito *cum grano salis* – somando-se a isso a total ausência de referências a autores ou a obras teóricas da mesma disciplina (qual será ela?), que se caracteriza pelo isolamento aurático da obra. É ponto de honra para Canetti não citar, mas aduzindo as referências q.b. para que se perceba que leu. O caso mais flagrante é o de Freud. O autor romeno permite-se escrever 30 páginas sobre o “caso Schreber”, sem mencionar o fundador da psicanálise, mas tem o cuidado de escrever «tentou-se remontar este caso ao pormenor e depois também associar a paranoia a uma tendência homossexual recalçada» (p.547)<sup>3</sup> - para exarar em acta.

## 6 II

- 7 A questão que se levanta é, então, a de saber o que é a massa. Para a definir, a primeira frase da obra é decisiva: «Nada o homem receia mais do que ser tocado pelo desconhecido» (p. 13). O *ignotum* não é um elemento – é o outro homem<sup>4</sup>. Por isso os exemplos invocados são todos eles provenientes do contacto humano. Significa isto que o homem receia o outro enquanto tal –nem Hobbes nem Levinas se oporiam. Ora, Canetti define a massa como “a mutação do receio de contacto”; na massa o medo desaparece porque desaparecem as diferenças, sentindo-se todos parte de um grande corpo. A tendência de incorporação da massa é-lhe inerente, na medida em que enquanto subsistir outrem que lhe seja exterior há motivo de receio. A massa deve ser englobante, e, quando for total, o indivíduo estará finalmente apaziguado, sem medo. O fenómeno da massa caracteriza-se pelo prazer dionisíaco da dissolução do elemento apolíneo. Tudo se passa como se houvesse uma transferência dos limites do indivíduo para os limites do corpo único da massa; o ser humano paga a paz com a morte.
- 8 O desconhecido que toca o homem, e também aqui Hobbes e Levinas não discrepariam, é a morte dada por outrem. São dois os capítulos onde há um avanço teórico real. No capítulo intitulado “O sobrevivente”, Canetti adopta o caminho inverso. Enquanto a massa começara por ser o elemento onde o indivíduo se dissolvia, aqui o indivíduo digere e assimila tudo o que fica fora de si. Trata-se de outra maneira de neutralizar a ameaça do exterior através do poder que se vê *pari passu* confirmado no seu carácter absoluto, i.e., ele e só ele tem a capacidade de ser ameaça mortal, de ser poder mortal, que precisa de matar para escapar ao medo louco que a fragilidade humana lhe impõe. Simone de Beauvoir refere-se, algures num dos seus textos autobiográficos, *Memórias de uma menina bem comportada*, à “solidão radical que autoriza todos os excessos”. Nem todos, talvez. O excesso absoluto seria para Canetti o momento em que “a perspectiva da morte [se dissolve] em satisfação” (p. 275). O medo de ser tocado por outrem

transforma-se na exigência de tocar, e tocar absolutamente: matar. A paixão desvairada de sobreviver torna-se “perigosa e insaciável” (p. 279). Sendo o homem definido por essa capacidade de toque, não há nenhum toque que não seja também um ser tocado – o quiasma que define o humano. Uma coisa só se pensa se se pensar a outra. A fuga do solipsismo institui assim uma comunicação negativa: a comunicação pelo homicídio. O poder de matar só apazigua o seu medo interior pelo contacto de dar a morte. O outro que expira é digerido e integrado pelo homicida. A massa em crescimento está presa a uma lógica total, incorpora o exterior em si – por definição todos têm de morrer, o sobrevivente é o singular que sobra. Isso leva Canetti a verificar que «Não se poderá recusar a hipótese de que por detrás de cada paranoia, como por detrás de cada qualquer tipo de poder se situa a mesma tendência profunda: o desejo de afastar os outros do caminho para que se seja o único, ou, na forma mais suave tantas vezes admitida, o desejo de se servir dos outros para com o seu auxílio nos tornarmos únicos» (p. 563). O poder de dar a morte tem um nome: o poder soberano, *vitae necisque potestas*.

- 9 Com base neste poder, Canetti introduz o elemento que ligará os dois pólos diferenciados que identificou até ao momento: por um lado, a dissolução do indivíduo na massa; por outro, a assimilação da massa no indivíduo. Trata-se da ordem. Se o carácter absoluto da ordem é remetido ao absoluto da ordem (morte), toda e qualquer ordem não cumprida desmente o poder. O poder vive na obcecação de ver todas as suas ordens cumpridas, porquanto só assim se confirma como poder. Ora, tal como a necessidade de confirmação prova a possibilidade da desobediência, a ordem cumprida ratifica a coacção da liberdade (cf. em particular p. 388). Daí que, cada vez que a ordem se impõe, acrescente uma marca, um espinho, ao indivíduo. O acumular de ordens, ou seja, o processo civilizacional<sup>5</sup>, exige posteriormente a descarga, a “exaltação que o homem sente na massa” (p. 391). Canetti junta-se assim ao aluvião intelectual que, sob a sombra da tempestade de violência do século XX, pensou que a história da civilização era também a história da barbárie, que a realização da razão se tornou irracionalismo puro ou que a técnica libertadora agrilhou a autonomia humana. E também o faz no epílogo, «A dissolução do sobrevivente». O poder – a bomba – atómico destruiu, por fim, a ilusão de sobrevivência de *um*. O poder dispõe de meios técnicos de tal modo poderosos que a ordem refluíu sobre o seu emissor – doravante nenhum poder escapará às suas próprias ordens. É preciso arrancar os espinhos e não reproduzir a violência sofrida sobre outrem. Talvez o toque deixe então de infundir medo.

---

## NOTAS

1. A primeira edição alemã é de 1936 e tem por título *Blendung*, étimo que compreende sob si os dois sentidos do brilho que ofusca, cega, e do brilho que deslumbra, ilude. *Auto da Fé* é o título da tradução inglesa, que veio a lume dez anos depois. Em português, o romance foi publicado em 1963, com o título da edição inglesa, tendo esta tradução sido republicada em 2011 pela editora Cavalo de Ferro. *A Língua Posta a Salvo* é a primeira parte da autobiografia de Canetti e já fora publicada no Brasil, com o título *A Língua Absolvída*, onde entretanto se publicaram os restantes

volumes da obra, e foi editada em 2008 (Campo das Letras). *As vozes de Marraquexe* surgiram em 1991 (Ed. Dom Quixote); o original data de 1967.

2. Canetti (1980) *Die Fackel im Ohr. Lebensgeschichte 1921-1931*. Hanser, München/Wien, pp. 93-94.

3. Cita-se partir da edição portuguesa. A tradução é competente no geral, mas este é um dos casos pouco inteligíveis; a frase deveria ser “tentou-se reconduzir este caso em particular e depois a paranoia em geral a uma tendência homossexual recalçada”.

4. A análise da máscara ( pp. 451-456) confirma-o.

5. Norbert Elias é certamente um dos autores com cujas teses Canetti tem uma afinidade electiva. Ao *Processo civilizacional* deste, devem acrescentar-se *Para a genealogia da moral* de Nietzsche e a *Dialéctica do esclarecimento* de Adorno & Horkheimer à linha em que Canetti se inscreve, o que o afasta da denúncia, popularizada principalmente pelo conservadorismo vulgar, do domínio das massas, com o conseqüente abastardamento do nível cultural, por via da infantilização da vida, o encurtamento dos horizontes, prazeres imediatos e grosseiros, utilitarismo reinante, consumismo desenfreado e restantes *clichés*.

---

## AUTORES

**JOÃO TIAGO PROENÇA**

Conselho da União Europeia

joaotiagoproenca@yahoo.com